



GT 019. Antropologia dos estudos de folclore e cultura popular: imagem, corpo, ritual e performance.

Oswaldo Giovannini Junior (Universidade Federal da Paraíba) - Coordenador/a, Daniel Bitter (UFF) - Coordenador/a, Nilton Silva dos Santos (Universidade Federal Fluminense) - Debatedor/a, Lea Freitas Perez (Ufmg) - Debatedor/a

Na história da antropologia brasileira, os estudos em torno das culturas populares ou folclore tiveram destaque, desenvolvendo um campo de pesquisa com especificidade epistemológica e metodológica. Este GT propõe retomar esta temática, valorizando trabalhos etnográficos com especial atenção aos processos de construção do corpo, das imagens e do espaço em diálogo com a antropologia simbólica e dos rituais. Corpos e paisagens constituem o locus de realização concreta das festas, das sociedades e das culturas, assim como também as condicionam. Seu registro imagético está presente nos estudos e expressões da cultura brasileira e é usado como recurso metodológico para a elaboração do conhecimento etnográfico. A proposta destaca 3 eixos de investigação etnográfica e teórica: 1- na direção de uma antropologia dos estudos de folclore, focalizando as categorias, valores e práticas dos principais atores que constituíram o campo; 2- no sentido do estudo de festividades, ritos e celebrações sob novos enquadramentos teórico-metodológicos de uma antropologia simbólica e/ou de rituais, da performance, da perspectiva da corporeidade e da antropologia da paisagem; 3- referente às relações metodológicas e epistemológicas nas fronteiras da antropologia e das artes visuais, sonoras, imagéticas, cênicas. O GT pretende reunir pesquisas que valorizem as especificidades do campo de estudos da cultura popular em suas diversas dimensões e conexões com fenômenos contemporâneos da vida social.

O registro audiovisual da cultura popular: a festa de Nossa Senhora dos Navegantes

Autoria: Oswaldo Giovannini Junior

Trata-se de uma pesquisa sobre a festa de Nossa Senhora dos Navegantes, uma festa popular tradicional que celebra a santa padroeira da comunidade de Coqueirinho, aldeia indígena Potiguara, pertencente ao município de Marcação/Litoral Norte da Paraíba. A festa envolve romeiros, turistas e comerciantes oriundos de diversas cidades da região do Vale do Mamanguape e de outras cidades do estado e dos estados vizinhos, perfazendo milhares de pessoas de diversas origens sociais e culturais. O evento culminante é uma procissão marítima, fluvial e terrestre que sai de Coqueirinho e segue em direção à Barra de Mamanguape, município de Rio Tinto. Ocorre no segundo ou terceiro domingo de dezembro, dependendo da fase da maré e é organizada principalmente por pescadores e zeladores das capelas das cidades envolvidas diretamente: Baía da Traição, Rio Tinto e Marcação. A festa tem característica polifônica (BAKHITIN, 1987) e polissêmica (TURNER, 2005), perfazendo uma grande "arena de disputas" (STEIL, 1996) onde cada pessoa ou grupo se relaciona com o evento e com o sagrado e a paisagem de praia e mangue de modo diferenciado evidenciando uma grande diversidade de sentidos, por vezes complementares, por vezes conflitantes. Tal diversidade de sentidos é notado na forma como os envolvidos se comportam, como se postam corporalmente no ambiente e diante das imagens das santas, nos cortejos e nas situações festivas diversas, realçando de um lado a devoção com intensa experiência do sagrado e de outro a efervescência profana com intenso consumo de bebidas alcólicas, dando à festa um caráter dionísio (PEREZ, 2017). O projeto tem como objetivo, sob aporte da antropologia visual, realizar um registro etnográfico audiovisual da festa, procurando abarcar a diversidade de sentidos e personagens através de entrevistas com os principais produtores e através do registro da festa em ato, compondo o cenário de pessoas e paisagens. Tais registros audiovisuais formarão um banco de imagens, a que chamamos de esboços (FRANCE, 1998), que serão



assistidos posteriormente para análise juntamente com as pessoas filmadas, orientando assim a descrição e análise do evento social, realizando o que compreendemos como ?antropologia compartilhada? (ROUCH, 2011). A festa e o ritual constituíram ao longo da história da ciência antropológica, como um significativo campo de pesquisa, tendo em sua produção e movimentação simbólica, uma fonte expressiva da vivência social e cultural dos grupos que a vivenciam. A festa é o momento em que a sociedade se reúne de forma extraordinária e se expressa (DURKHEIM, 1989).

[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

